**PESQUISA DE CAMPO E OS VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS: RELATOS DE UMA VISITA GUIADA AO MUSEU DO NEGRO NO RIO DE JANEIRO**

Tatiana Santos dos Reis - UERJ

Resumo:

Este é um trabalho autoetnográfico que tem como objetivo relatar o cotidiano de uma pesquisadora em sua pesquisa de campo em uma visita guiada ao Museu do Negro localizado no prédio da Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, na Rua da Uruguaiana, 77, Rio de Janeiro. Essa visita é atravessada pelos valores civilizatórios afro-brasileiros da professora Azoilda Trindade. É um recorte de um trabalho de dissertação que tem como questões principais: buscar compreender quais representações e práticas constituem a Igreja para as pessoas que a frequentam; como a impactam individualmente; e qual o significado e sentido de sua presença. Nesta pesquisa a Igreja e o Museu não se separam. Para realização desses objetivos utilizo como metodologia entrevistas e meu diário de campo.

Palavras Chaves: Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos. Autoetnografia. Museu do Negro. Valores civilizatórios afro-brasileiros

 Este trabalho é um recorte de uma dissertação que ao pensar na Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos como local que também educa e socializa, algumas questões de pesquisa surgem como: que relação tem essa igreja com a educação da população negra no tempo presente? Que marcas ela deixa na cidade do Rio de Janeiro e nas pessoas que circulam e que habitam ao seu redor? Trarei o relato de uma visita guiada no Museu do Negro localizado no interior da igreja resultando em entrevistas que auxiliam a responder as questões levantadas aqui.

 Se Munanga (2015, p. 21) nos traz como pensamento a se questionar como ensinar a história do povo africano e do negro no Brasil de hoje, é a partir da resistência identitária do povo negro que a visita guiada relatada neste trabalho se dá. Se em algum momento da história essa população foi vista como inferior, nessa visita, no entanto, é possível perceber uma igreja museu onde há liberdade, resistência e luta, e como a população teve suas maneiras de resistir, celebrar e de se manter viva. As idas a campo permitiram a escrita de um diário de campo, construindo, dessa forma, uma pesquisa etnográfica apoiada no exercício do olhar (ver) e escutar (ouvir), o que me impôs um deslocamento da minha própria cultura, ao me situar por dentro do fenômeno que observava, de maneira participativa e efetiva, (Eckert; Rocha, 2008).

Certo momento da pesquisa, foi necessário realizar como metodologia a autoetnografia. Oresta López Pérez (2023) nos diz que autoetnografia é escrever enquanto investiga, por isso, o diário de campo é importante; nele, escreve-se articulando estruturas sociais e culturais, como um bordado em tecido, relacionando experiência de vida com outras experiências. É importante usar evidências, pensamento crítico disciplinado e práxis interdisciplinar. A pluralidade de fontes é necessária, podendo ser utilizadas fotografias, tabelas, gráficos, dados, dentre outras fontes que fortaleçam as investigações.

As entrevistas são parte fundamental deste trabalho, com base em Bourdieu (2008), em seu texto “Compreender”, me propus a uma *comunicação “não violenta*”, como traz o autor, em que tomei cuidado para não ser uma pessoa intrusa e invasiva, compreendendo e deixando nítido que estávamos em um momento de troca. Deixei-a livre para parar se sentisse necessidade, na busca de reduzir o máximo possível alguma violência mesmo que simbólica. “Para que seja possível uma relação de pesquisa a mais próxima possível do limite ideal” (Bourdieu, 2008, p. 696).

Nos encontramos em frente à igreja no dia 5 de agosto de 2023. Era um sábado pela manhã, às nove horas. A visita guiada foi realizada com 12 pessoas com mediação da Luana. A Igreja estava fechada, as portas se abriram somente para visitação do nosso grupo. É diferente ir nesse local em um sábado. A movimentação de pessoas circulando no entorno neste horário era menor em relação aos dias de semana que havia ido a campo.

Após fazer a visita guiada no térreo, Luana nos levou para o andar de cima, no 2º pavimento, onde fica o Museu do Negro. Recebemos orientações de que não poderíamos fotografar os itens, pois atualmente está acontecendo o processo de inventário das peças do Museu, o que ainda não havia sido feito pela irmandade administradora do local e consequentemente do acervo do Museu.

A entrada no museu me remeteu aos valores civilizatórios afro-brasileiros criados pela professora Dra Azoilda Loretto da Trindade (2005). Os valores de Azoilda são elaborados no movimento da implementação da Lei 10639/03 para comprovar que a participação negra na cultura e história brasileira não se limitou apenas à dor da escravização. A autora percebeu diversos valores oriundos das civilizações africanas, herdados pelos descendentes das africanas e africanos sequestrados, que se desenvolvem em nossa sociedade brasileira em tradições, culturas, manifestações e sobretudo costumes cotidianos. Os valores são: Circularidade, Oralidade, Religiosidade, Energia Vital (Axé), Corporeidade, Ludicidade, Musicalidade, Memória, Ancestralidade e Cooperativismo/Comunitarismo.

Entre a igreja, o museu, e toda a movimentação de fiéis e funcionários para a manutenção da história viva do povo negro, vejo muito dos valores civilizatórios. Passeando por ele, percebo na circularidade o ciclo da renovação das tradições e histórias de luta e de festejo nos itens do museu que levam para uma nova geração todo o arcabouço histórico desse local e de seus sujeitos. Na oralidade, encontro o poder da fala como força geradora do processo histórico, como nas falas da Luana, e na figura de Angela, praticamente uma anciã da memória oral da igreja.

A religiosidade está presente nos cultos e ritos do catolicismo afro-brasileiro da irmandade ao criar outras formas de professar a fé cristã a partir de princípios africanos gestados no Brasil, como Silva (2008, p. 30) nos traz a definição de catolicismo africanizado, em que se utiliza o que há de possibilidades em seu novo espaço político:

O processo de africanização deve ser lido para além do sincretismo, pois existe mais do que o fato de uma simples fusão de ideias antagônicas e/ou diferentes existe uma prática ideológica, que ao ser transmutada, necessita se reconstruir e, para isso, irá se valer dos mecanismos e instrumentos disponíveis em seu novo espaço político.

A energia vital, seja na fé ou no axé, está presente na força de realização das pessoas que fazem a igreja e o museu se manterem importantes socialmente, mesmo com todas as dificuldades enfrentadas até aqui.

A corporeidade, mesmo não estando propriamente presente na igreja ou no museu, por serem espaços de ritos e contemplações com outros moldes de comportamento, se faz presente no corpo das pessoas como um documento de identidade que carrega histórias e memórias. O corpo pulsa vivo nas peças e encenações organizadas pela irmandade e pela igreja. A ludicidade, em sintonia, aparece na capacidade de fruição dos objetos da igreja e do museu, na interpretação de histórias apenas no ato de contemplar, ou até na capacidade de cultuar as figuras sagradas ali presentes.

A musicalidade está presente nos cânticos do professar a fé cristã, como também nos instrumentos musicais presentes no museu, que depositam em sua materialidade uma potência de animar os festejos da irmandade. A memória está em cada elemento presente em ambos os espaços, seja no material dos itens dos altares e prateleiras, como também no imaterial de falas, memórias e lembranças das pessoas que vivem, circulam e habitam as dependências da igreja.

A ancestralidade está na figura dos anciãos da igreja, seja nos santos que a nomeiam, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, seja nos homens pretos que fundaram a irmandade, seja em figuras históricas que ilustram o museu, como Anastácia, ou de figuras do agora que vivem a igreja, como Angela.

A cooperatividade é o valor civilizatório que une todos os princípios que regem e compõem a igreja. É na união desses diferentes valores que uma grande comunidade é unida, por seus encontros e diferenças que fazem a igreja ser esse marco histórico na cidade do Rio de Janeiro. A cultura negra, a cultura afro-brasileira, como diz a autora, é do coletivo, da cooperação, é ela quem fortalece e dá a possibilidade de sobrevivência, a capacidade de compartilhar e de se dedicar com o outro. É possível perceber essa cooperatividade no padre, na Dona Angela, no Júlio, no Yago que trabalha na secretaria, no Jean e provavelmente em outras pessoas ligadas diretamente ao funcionamento da igreja, e nos fiéis.

Não foi permitido fotografar nessa visita, pois os objetos estão em processo de inventário. Anoto em meu diário de campo os instrumentos que me remeteram aos valores civilizatórios afro-brasileiros, sendo eles: os estandartes abolicionistas, 2 estavam em reforma, o terceiro era da região de Santa Cruz, segundo Luana havia 15, mas atualmente somente 3 sobreviveram ao tempo; instrumentos musicais como: tambores, caxixis, agogôs; tranças, bonecas abayomis, colares, panelas e instrumentos de cozinha para preparar alimentos. Esses objetos nos remetem à oralidade, ludicidade, circularidade, ancestralidade, corporeidade, axé, musicalidade, religiosidade.

Esses objetos citados acima, elaboram de alguma forma a narrativa sobre o tema, mostrando o que foi o tráfico transatlântico, e de como havia uma cultura antes da vinda dessas pessoas para o Brasil, e após sua chegada aqui. Percebemos o envolvimento com a arte, a relação com a terra, a dança, a musicalidade, a culinária.

No mesmo museu, é possível ver os objetos de tortura, e a própria mediação deu ênfase e não deixou de contar esta parte da história, mas há uma reconfiguração, há uma riqueza de saberes ancestrais, de conhecimento, de tecnologia da população vinda de África, e da população negra afro-brasileira que participaram da criação e manutenção dessa igreja. Desse modo, cria-se uma reconfiguração da memória coletiva e cultural associada ao período de escravização.

Para realização das entrevistas, foi utilizado como ferramenta o Google Formulários. Foi difícil realizar o encontro presencial com os colaboradores entrevistados, por isso, nesse caso, utilizamos a tecnologia como nossa aliada. As entrevistas foram divididas por alguns blocos, como: (1) sobre o entrevistado, origem social, trajetória, escolaridade, qual cor/raça se identifica; (2) sobre a relação dele com o Centro do Rio de Janeiro e o entorno da igreja; (3) sobre a relação dele com a igreja, incluindo o Museu do Negro; (4) sobre a visita, o que mais marcou, quais sentimentos sentiu ao entrar na igreja, se algo trouxe alguma memória de sua infância, adolescência ou juventude. Precisei me distanciar dos meus sentimentos e impressões da visita, a qual também participei, de modo a compreender os resultados das entrevistas “como produto do momento e não como verdade absoluta” (Almeida, 2021, p. 26).

Sigo acreditando que este trabalho possa ser relevante para futuras pesquisadoras e pesquisadores do tema, um leitor ou leitora interessado e interessada. Espero que ele possa promover novas questões e contribuições para a área da História da Educação e para o cumprimento da Lei 10.639/2003, não só no ensino da educação básica, mas em outros locais em que há práticas educativas, não se limitando somente às salas de aula.

**Referências:**

ALMEIDA, F. O. F. Igreja Nossa Senhora do Desterro e Campo Grande: entre memórias e histórias. 2021. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

BOURDIEU, P. (org.). Compreender. *In*: BOURDIEU, P. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, ed. 7, 2008, p. 693-736.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografia: Saberes e Práticas. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 9, n. 21, 2008. DOI: 10.22456/1984-1191.9301. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9301. Acesso em: 17 set. 2022.

LÓPEZ PÉREZ, Oresta. Metodologias Narrativas e Investigación Autoetnográfica en la Investigación Educativa: Curso introdutório, Novembro - Dezembro, 2023. 5 f. Ementa – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2023.

MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 62, p. 20–31, dez. 2015.

SILVA, Selma Maria da*. Irmandade de nossa senhora do rosário de são benedito dos homens pretos práxis de africanidade*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Núcleo de Estudos Afro-brasileiros, 2008.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil. Proposta Pedagógica, p. 30, 2005.